

11- Contribuições da musicoterapia no processo de alfabetização de crianças retidas nas séries iniciais do ensino fundamental. Isis Samira Casavechia Lopes da Silva/PR.¹

*"A vida irá, você vai ver,
Aos poucos te ensinando
Que o certo você vai saber
Errando, errando, errando"
("Errar é Humano" - Toquinho / Elifas Andreatto)*

RESUMO

Os anseios de muitos professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem de seus alunos são um alerta a todos os profissionais envolvidos neste processo educacional das crianças nas séries iniciais, principalmente, quanto aos alunos tidos com mais dificuldades para assimilar a alfabetização. Este alerta mostra que o comportamento desses alunos não pode ser diagnosticado, de modo generalizado, como um quadro patológico ou mesmo ser motivo para encaminhamentos psicológicos. É evidente que o diagnóstico é muito importante e este deve ser feito o quanto antes. Porém, é necessário entender que existem alunos que aprendem mais lentamente e, por isso, necessitam de atenção especial de seus professores. A idéia principal deste trabalho era abordar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos retidos no segundo e terceiro anos do ensino fundamental. No entanto, quando a análise prática de alunos de uma escola pública da periferia de Pederneiras-SP, mais especificamente, educandos retidos nas primeiras séries do ensino fundamental, permitiu verificar que essas crianças não eram casos de dificuldades de aprendizagem com algum quadro patológico, mas crianças simplesmente não-alfabetizadas. Assim, por meio de intervenções psicopedagógicas e musicoterápicas propõem-se contribuições ao contexto educacional para promover e facilitar o processo de alfabetização dessas crianças. É preciso que os profissionais envolvidos entendam a importância de oportunizar habilidades do "ler e escrever". A criança tem de encontrar significados para aprender a ler e escrever e descobrir o valor social dessas funções por meio de estímulos positivos que despertem seu gosto para tais habilidades.

Palavras-chave: musicoterapia; crianças; dificuldades; alfabetização; intervenções.

¹ Musicoterapeuta pela Faculdade de Artes do Paraná (Curitiba/PR). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade do Sagrado Coração (Bauru/SP). E-mail: isissamira@gmail.com

Há certo tempo, tem-se percebido os anseios de professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, mais especificamente em relação às dificuldades de aprendizagem que alguns alunos podem apresentar. E, com isso, a preocupação desse educador em encontrar um quadro patológico para inserir esse educando, como se tudo fosse resolvido.

Zorzi (1998, p. 107) diz: "os erros têm sido superestimados. Ou seja, há uma tendência muito acentuada de considerá-los, indistintamente, como patológicos, tendência esta que tem levado à criação artificial de pseudodistúrbios de aprendizagem".

Atualmente, quase todos os alunos mais agitados, inquietos ou ansiosos são classificados como hiperativos. Por quê? Porque não são tão silenciosos e tranquilos como seus professores desejam? Porque dão mais trabalho para seus professores em relação à maioria da sala?

Não podemos negar a existência de alunos hiperativos. Pelo contrário, a patologia – hiperatividade – existe e é bem grave, com uma série de recomendações que devem ser tomadas, mas nem todas as crianças que são classificadas como mais agitadas são hiperativas.

Da mesma forma acontece com as crianças que não acompanham o ritmo da maioria de sua sala. Frequentemente, seus professores, por não conseguirem acompanhar todos os alunos, de terem de vencer uma série de conteúdos programáticos e outras coisas mais, logo querem classificar esse aluno como "portador de alguma deficiência educativa".

A consequência é encaminhar essa criança para um psicólogo que a avaliará e traçará um diagnóstico, na maioria das vezes, aberto, simplesmente por essa criança não se enquadrar nos parâmetros básicos de avaliação que a classificaria em alguma patologia específica.

E aí? Tudo estaria resolvido para o professor?

É evidente que, em se tratando de diagnósticos de distúrbios de aprendizagem, este deve acontecer o quanto antes, o que diminuiria muito o agravamento das dificuldades ocasionadas por um diagnóstico tardio. Buscar as reais causas da dificuldade para aprendizagem é fundamental à superação dessas dificuldades escolares.

Em nenhum momento, podemos generalizar nossas considerações sobre os processos de aprendizagem de cada criança. Nem englobar todos como casos de patologia, nem englobar nenhum nesses mesmos casos. É preciso muita cautela no momento de se levantar alguma hipótese. Há casos e casos. Profissionais e profissionais. E aqui está a diferença.

Será que, mais uma vez, o modismo de classificar os alunos como casos de patologias de dificuldades de aprendizagem referem-se a casos não alfabetizados?

A alfabetização não é mais vista como a transmissão de um conhecimento pronto que, para recebê-lo, a criança teria que ter desenvolvidas habilidades, possuir pré-requisitos, enfim, apresentar uma "prontidão". A alfabetização é resultante da interação entre a criança, sujeito construtor do conhecimento e a língua escrita [...]. (WEISS, 1992, p. 91)

O maior objetivo desse trabalho passou a ser, então, poder alertar profissionais envolvidos no processo educacional das crianças nas séries iniciais, sejam pedagogos, professores, coordenadores, direção, para o cuidado que se deve ter em se referir às crianças vistas com mais dificuldades em relação à assimilação do processo de alfabetização e como ajudá-las. Da mesma forma, poder auxiliar colegas de trabalho, como psicopedagogos, fonoaudiólogos e musicoterapeutas, nos modos de intervenção com essas crianças.

“Todas as crianças têm possibilidades para aprender e gostam de fazê-lo...” (MORAES, 2001, p. 30). Esse deve ser o pensamento de todos os envolvidos no processo de alfabetização de um indivíduo.

O primeiro passo é fazer com que a criança encontre significados para aprender a ler e escrever e descubra o valor social dessas funções.

Ela necessita de estímulos positivos (informações disponíveis) que despertem seu gosto para tais habilidades. “Dependendo da maneira como for colocada, ela pode ser geradora de grandes dificuldades na escrita e leitura (...) não sendo uma questão de problema pessoal, mas de metodologia escolar” (WEISS, 1992, p.91).

Weiss (1992, p.2) completa

Na realidade, lhes faltam oportunidades de crescimento cultural, de rápida construção cognitiva e desenvolvimento da linguagem que lhes permita maior imersão num meio letrado, o que, por sua vez, facilitará o desenvolvimento da leitura e escrita.

Segundo Moraes (2001, p.170), os trabalhos de Jean Piaget e as investigações de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky traçaram a teoria que defende o aprender como fruto do desenvolvimento cognitivo.

Essa teoria parte da

concepção de que para aprender a criança necessita interagir com o meio ambiente social e, que é decorrente dessa interação que a criança constrói as estruturas cognitivas que lhe permitem conhecer e reorganizar o mundo, a criança passa a ser concebida como um ser ativo, pensante.

Dessa forma, o aprender é visto como o resultado de um processo de atuação da criança que, ativamente, reage às informações recebidas, elabora hipóteses e tira suas conclusões para se apropriar dessas informações, construindo seu próprio conhecimento.

Assim, organizou-se os quatro estágios sucessivos do desenvolvimento cognitivo em relação à concepção da linguagem escrita: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

A criança precisa formular hipóteses para se apropriar do conhecimento da escrita. É por meio desses estágios e dos conflitos que ele gera que a criança se vê obrigada a buscar novas hipóteses e evoluir.

São esses mesmos estágios que vão “permitir que o professor compreenda a criança como um ser pensante e que elabora hipóteses sobre o sistema de escrita”

(MORAES, 2001, p. 175).

Diante desses dados, o educador terá a possibilidade de planejar atividades que sejam condizentes com o nível de desenvolvimento cognitivo de seus alunos e poderá acompanhar mais claramente a evolução de cada um ao longo do ano.

Dessa forma, a visão do professor também se modificará. Suas ansiedades serão baixadas, suas expectativas ganharão força e ele passará a ter um olhar diferenciado para cada aluno, percebendo sua evolução diante do ganho que cada estágio proporciona.

Num processo como esse, a psicopedagogia é a terapia mais indicada para auxiliar crianças com dificuldades no processo de alfabetização. É ela que investigará o que não vai bem com o sujeito nessa situação e levantará hipóteses de trabalho para intervir e facilitar essa aprendizagem. “Nessa investigação não se pretende classificar o paciente em determinadas categorias nosológicas, mas sim obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo nesse processo” (WEISS, 1992, p. 14), procurando investigar a relação que a criança tem com o conhecimento.

Nessa relação, é indispensável que se considere o contexto e o entorno de cada indivíduo, como a família, a escola, seus hábitos, valores, costumes, as competências, a intelectualidade e o emocional, para o bom desenvolvimento do trabalho realizado.

Para tornar o trabalho educacional psicopedagógico ainda mais estimulante, prazeroso e produtivo, insere-se a música de forma terapêutica – a Musicoterapia.

Sekeff (2002, p.102) defende que

Músicas infantis, folclóricas, estruturas musicais elementares, sustentam um repertório que dinamiza o psiquismo do educando e sua motricidade correspondente, favorecendo o desenvolvimento de suas potencialidades

É por isso que a Musicoterapia soma-se a este trabalho. Ela vem para intervir no que, possivelmente, está tornando essa alfabetização mais lenta e dificultosa. Atuando indiretamente no processo de alfabetização desses educandos, trabalhando diretamente no que Moraes (2001) analisa como causa das dificuldades de aprendizagem: as ausências de estimulação das habilidades básicas necessárias à alfabetização.

São elas: imagem-corporal, lateralidade, conhecimento de direita e esquerda, orientação espacial, orientação temporal, ritmo, análise-síntese visual e auditiva, habilidades visuais específicas, coordenação viso-motora, memória cinestésica, habilidades auditivas específicas e linguagem oral.

Essas habilidades serão estimuladas por meio do cantar, do tocar instrumentos, de jogos e brincadeiras musicais, dinâmicas vivenciais, entre outras, para que, assim, o que está por trás dessa dificuldade possa ser amenizada ou sanada de maneira prazerosa, refletindo na facilitação da construção de seu aprendizado.

A música, inserida terapeuticamente no trabalho psicopedagógico, estimula o desenvolvimento dos estágios cognitivos, contribuindo para o conhecer, perceber, sentir e refletir do educando.

Eis algumas das atividades utilizadas nesta experiência como ideias de intervenção

que muito podem facilitar a vida educacional dessas crianças:

- **Trabalhar a identidade na elevação da autoestima**, por meio de canções que cantem o nome das crianças, como por exemplo "Pirulito que bate-bate". Trabalhar com o nome é, na maioria das vezes, sinônimo de elogio, qualificação, segurança, prazer, identidade, em que a criança é levada a se reconhecer como um indivíduo único, distinguindo-se dos demais e favorecendo a sua autonomia. Realizar atividades a partir do nome da criança contribui para a sua elaboração de hipóteses quanto à alfabetização, pois, muitas vezes, escrever seu nome é o primeiro contato que a criança tem com a escrita;

- **Rimas musicais**: como por exemplo a música "Fui ao mercado". Quando inseridas musicalmente, as rimas podem ser melhor compreendidas, devido ao ritmo com que elas apresentam, além da melodia e harmonia, uma vez que estes elementos facilitam a reação da criança, além de despertar a consciência fonológica dos sons e palavras na criança antes mesmo de elas estarem alfabetizadas;

- **Separação de sílabas no tambor**: com a ajuda de um tambor, o aluno é convidado a bater seu nome e outras palavras no tambor (ou bater palmas) de acordo com o número de sílabas de seu nome (uma batida para cada sílaba). Separar sílabas permite à criança identificar as partes que formam uma palavra e que as sílabas usadas em uma palavra podem também ser usadas em outras, ou ainda que retirando ou acrescentando uma sílaba numa palavra esta terá outro significado. Por exemplo: SAPATO – PATO – TOMADA - POMADA;

A partir dessas atividades, muitas outras podem ser desenvolvidas musicoterapeuticamente e também continuadas na área da psicopedagogia.

A intenção é que se inicie com o trabalho emocional por meio da musicoterapia e se caminhe para o trabalho das dificuldades de aprendizagem, por meio da psicopedagogia. Por isso a importância e eficácia dessas duas áreas atuarem juntas.

Crianças precisam ser estimuladas para desenvolverem quaisquer habilidades, sejam elas quais forem, esporte, artes, línguas, etc. Da mesma forma acontece no tocante à alfabetização. Os educandos precisam querer ser educandos. Tem de partir deles o querer dominar a habilidade de ler e escrever.

Para isso, não intitulem aqueles alunos que de algum modo não respondem da forma que você espera, não se preocupem com o diagnóstico que eles possam vir a ganhar após um encaminhamento tão sonhado. Mas acredite no potencial dessa criança, forneça meios para que ela queira se apropriar do ler e escrever, para que isso faça sentido para ela e tenha um valor fundamental em seu processo de vida.

Profissionais envolvidos, direta ou indiretamente, no processo de alfabetização de nossas crianças, mostrem a elas que elas são capazes!

Zorzi (1998, p.108) afirma que o educador tem como papel fundamental "valorizar a produção das crianças, mostrar-lhes as regras do jogo e fazê-las crer que estão conseguindo progredir. Acima de tudo, acreditar, ele próprio, que as crianças progredem, apesar dos erros"

O educador é o mediador da interação da criança com a escrita. É de sua responsabilidade mostrar às crianças que elas podem e devem aprender, a ensinar o próximo, a compartilhar, a se colocar, a respeitar o outro e uma série de outros valores que estão em falta em nossos alunos tidos como mais lentos no processo de alfabetização.

Vamos despi-los da roupagem que, consciente ou inconscientemente, fizemos essas criaturas usarem por meio de chavões, apelidos e uma série de descasos e nomeações que os fazem se sentir tão inferiores. Leva-se um certo tempo para que isso aconteça, mas está em nossas mãos para que isso comece agora.

REFERÊNCIAS

MORAES, ANTÔNIO MANUEL PAMPLONA. DISTÚRBIOS DA APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA. 8.ED. SÃO PAULO: EDICON, 2001.

SEKEFF, MARIA DE LOURDES. DA MÚSICA, SEUS USOS E RECURSOS. SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2002.

WEISS, MARIA LUCIA LEMME. PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA: UMA VISÃO DIAGNÓSTICA. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1992.

ZORZI, JAIME LUIZ. APRENDER A ESCREVER: A APROPRIAÇÃO DO SISTEMA ORTOGRÁFICO. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1998.